

*50 Anos
Depois*

INVENTÁRIO E SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO
IMATERIAL DE NOVA ERECHIM

50 Anos Depois:
inventário e salvaguarda do patrimônio imaterial de Nova Erechim
Proponente: Associação Cultural e Assistencial Princesa Isabel
Presidente: Rosani Franzon

REALIZAÇÃO



Governo do Estado de Santa Catarina
João Raimundo Colombo



Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esportes
Secretário: Filipe Mello



Fundação Catarinense de Cultura
Presidente: Filipe Mello

Edital Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura – edição 2013.

APOIO



Município de Nova Erechim
Secretaria de Educação de Nova Erechim
Departamento de Cultura de Nova Erechim



Museu Histórico de Pinhalzinho



Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM



Associação Cultural Mais Cultura

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação: Carmen Tereza Salvini
Pesquisa: Fernanda Ben e Luiz Fernando Ferrari
Organização do Texto: Denise Argenta, Carmen Tereza Salvini e Fernanda Ben
Redação e Colaboração: Diana C. dos Santos, Luiz Fernando Ferrari e Márcio Luiz Rodrigues
Ilustrações: Marcus Bettú
Fotografia: Simone Barbieri Nalin e Carmen Tereza Salvini
Capa: Paulo Henrique Cruz sobre fotografia de Simone Barbieri Nalin
Diagramação: Paulo Henrique Cruz
Revisão Ortográfica: Adriana Kolling
Coordenação Editorial: Catavento – Gestão e Produção Cultural
Impressão: Schaefer Impressos - Pinhalzinho-SC

A689 Argenta Denise

50 Anos Depois: inventário e salvaguarda do patrimônio imaterial de Nova Erechim / Denise Argenta; Fernanda Ben; Marcio Luiz Rodrigues; Luiz Fernando Ferrari; Carmen Tereza Salvini; Diana Cristina dos Santos – Pinhalzinho, SC: Museu Histórico de Pinhalzinho, 2014.

24 p.: il.; 29 cm. Inclui bibliografia

1. Patrimônio cultural. 2. Patrimônio imaterial - inventário.

3. Memória. I. Ben, Fernanda. II. Rodrigues, Marcio Luiz. III. Ferrari, Luiz Fernando. IV. Salvini, Carmen Tereza. V. Santos, Diana Cristina dos. VI. Título.

CDD 363.69

Catálogo elaborado por Karina Ramos CRB 14/1056

RENK, Arlene. *A luta da erva*. Um ofício étnico no Oeste de Santa Catarina. Chapecó: Grifos, 1997.

RODRIGUES, Márcio Luiz. *Associação Madeireira na Seção Anta Gorda e a Participação da Companhia Territorial Sul Brasil*: diferentes maneiras de inter-relacionar com o ambiente (1930 a 1960). Chapecó/SC, 2013, 45f. Monografia, Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

SILVA, René Marc da Costa. *Cultura Popular, Linguagens Artísticas e Educação*. In: _____. *Cultura Popular e Educação*. Salto para o futuro. Brasília: SEED/MEC, 2008.

TEDESCO, João Carlos. *Artesanato como expressão de um sistema de autarquia econômico-familiar no meio rural: subsídios para uma história econômica regional*. *Revista Teoria e Evidência Econômica*, Passo Fundo/RS, v. 14, p. 221-246, 2006.

TEDESCO, João Carlos; ROSSETTO, Valter. *Festas e saberes: artesanato, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo/RS: Méritos Editora, 2007.

THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

UNESCO. *Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais*. 2007. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/imaes/0015/001502/150224por.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2011.

VICENZI, Renilda. *Mito e história na colonização do Oeste Catarinense*. Chapecó/SC: Editora Argos, 2008.

WERLANG, Alceu Antônio. *Disputas e ocupação do espaço no Oeste Catarinense. A atuação da Companhia Territorial Sul Brasil*. Chapecó/SC: Argos, 2006

ENTREVISTADOS

ALESSI, Adelina Riboldi. Reside na cidade de Nova Erechim/SC. Entrevista realizada no dia 15 jan. 2014.

FERLA, Herta. Reside na cidade de Nova Erechim/SC. Entrevista realizada no dia 12 dez. 2013.

FERLA, Ildo. Reside na cidade de Nova Erechim/SC. Entrevista realizada no dia 12 dez. 2013.

FERLA, Idacir. Associação Italianos Veneta. Reside na cidade de Nova Erechim/SC. Entrevista realizada no dia 20 fev. 2014.

FERREIRA, João Maria. Reside em Morro do Chapéu, Nova Erechim/SC. Entrevista realizada no dia 15 jan. 2014.

GOIS, Braziliano Nunes de. Reside na Linha Suspiro, Nova Erechim/SC. Entrevista realizada no dia 20 jan. 2014.

KNAKIEWICZ, Antônio. Reside na Linha Suspiro, Nova Erechim/SC. Entrevista realizada no dia 12 dez. 2013.

KNAKIEWICZ, Gabriel. Braspol – Organização Cultural da Sociedade Brasileiro Polonesa de Nova Erechim.

Reside na cidade de Nova Erechim/SC. Entrevista realizada no dia 26 fev. 2014.

KNAKIEWICZ, Regina. Reside na Linha Suspiro, Nova Erechim/SC. Entrevista realizada no dia 12 dez. 2013.

KNAKIEWICZ, Vicente. Reside na Linha Suspiro, Nova Erechim/SC. Entrevista realizada no dia 12 dez. 2013.

MACHADO, Angelina Alves. Reside na Linha Volta Bonita, Nova Erechim/SC. Entrevista realizada no dia 17 jan. 2014.

PAGLIARINI, Leda Sofia. Reside na Linha Navegantes, Nova Erechim/SC. Entrevista realizada no dia 12 dez. 2013.

PAGLIARINI, Sergio. Reside na Linha Navegantes, Nova Erechim/SC. Entrevista realizada no dia 12 dez. 2013.

SCHNEIDER, Lotário Aloysio. Reside na Linha Volta Bonita, Nova Erechim/SC. Entrevista realizada no dia 17 jan. 2014.

SCHNEIDER, Nadir Maria. Reside na Linha Volta Bonita, Nova Erechim/SC. Entrevista realizada no dia 17 jan. 2014.

SCHUH, Coltes Antônio. Reside na cidade de Nova Erechim/SC. Entrevista realizada no dia 15 jan. 2014.

SCHUH, Neli Margarida. Reside na cidade de Nova Erechim/SC. Entrevista realizada no dia 15 jan. 2014.

Associações pesquisadas:

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ASSISTENCIAL PRINCESA ISABEL

ASSOCIAÇÃO ITALIANA VENETA DE NOVA ERECHIM

BRASPOL - ORGANIZAÇÃO CULTURAL DA SOCIEDADE BRASILEIRO POLONESA DE NOVA ERECHIM

Organização Cultural da Sociedade Brasileiro Polonesa de Nova Erechim - Braspol -

Promover, valorizar e preservar a cultura dos descendentes poloneses que vivem no Brasil é o principal objetivo da Braspol – organização criada em 28 de março de 1993. O município de Nova Erechim-SC, possui uma representativa população de descendentes de poloneses que viram, na Braspol a oportunidade de valorizar suas origens e estimular a transmissão de seus saberes e memórias aos mais jovens. A associação estimula a preservação da memória e de aspectos culturais, dentre os quais a gastronomia se destaca. Desde 1998 realiza, no município, a Festa Típica Polonesa que serve, dentre as receitas mais populares, *czarina* (sopa de pato), *pierogi* (pastel de requeijão), *sonrasi* (bolinho de carne de porco), *bashi* (prato a base de repolho), *kimitachi* (prato à base de batata). Atualmente, a Braspol é o ponto de encontro dos descendentes da migração polonesa em Nova Erechim e reúne cerca de 70 famílias. No entanto, a Associação carece da participação dos mais jovens e tem entre seus objetivos estimular a presença das novas gerações nas atividades do grupo.



Associação Italiana Veneta de Nova Erechim/SC

Fundada em 08 de novembro de 2004, a Associação tem como finalidade preservar, promover e estimular a transmissão da cultura dos descendentes de italianos de Nova Erechim. A entidade mantém um grupo de canto – que se apresenta em eventos festivos e religiosos no município e em outras localidades da região sul do Brasil. Os integrantes também realizam, anualmente, eventos festivos como o baile do *Ciatero* e o Jantar Típico Italiano. O Jantar ocorre todos os anos no mês de agosto e apresenta, no cardápio, pratos típicos como *salame*, *Raditi*, *Tortéi*, *polenta* e *massas*, todos produzidos pelos membros da Associação. A entidade também promove ações de solidariedade entre seus membros e a comunidade e, atualmente, trabalha na construção de sua sede própria que deverá beneficiar cerca de cem famílias participantes da Associação.



Associação Cultural e Assistencial Princesa Isabel

Criada em 24 de abril de 1988, com a finalidade de promover o desenvolvimento de todo tipo de arte e cultura proporcionando educação, formação e assistência às crianças e adultos. Atualmente, em parceria com o Departamento Municipal de Cultura, a entidade oportuniza à comunidade de Nova Erechim oficinas de patinação artística, dança, canto coral, música e vários eventos e festivais na área de cultura.

Essas entidades e os mestres de sabedoria popular identificados durante a pesquisa - que ainda preservam os saberes e fazeres herdados -, são indicadores da diversidade cultural compreendida e percebida por meio do respeito, inclusão, participação e cidadania na localidade e região.

REFERÊNCIAS

- AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1995.
- A política externa da República Velha. Disponível em: <http://www.colegioweb.com.br/trabalhos/escolares/historia/república-velha-1889-1930/a-politica-externa-da-republica-velha.html>. Acesso em 10 de março de 2014.
- BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- BLEIL, Susana I. *O Padrão Alimentar Ocidental: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil*. Revista *Cadernos de Debate*, Campinas/SP, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação da UNICAMP, v. 6, p. 1-25, 1998.
- COSTA, Rovilho. *Antropologia visual da imigração italiana*. Porto Alegre/Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brades/Universidade de Caxias do Sul, 1976.
- EIDT, Paulino. TEDESCO, Anderson. *A transformação do Ethos no Oeste de Santa Catarina*. In.: IX ANPED Sul – *Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*. Caxias do Sul-RS: UCS, 2012.
- FERRARI, Luiz Fernando. *Caboclo: história, memória e práticas culturais*. In: BEN, Fernanda et al. *Retratos, Memórias e Fragmentos da História de Pinhalzinho/SC*. Pinhalzinho: Schaefer, 2011.
- MACHADO, Paulo P. *Lideranças do Contestado*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.
- MARCON, Telmo. *História, memória e cultura*. Chapecó: Argos, 2003.
- MOREIRA, Neiva Marinho; WOLFF, Juçara Nair. *Entre águas, galhos e rosários: práticas e experiências das mulheres benzedoras em Xaxim*. *Cadernos do Ceom*, Chapecó, n. 13, p. 157-182, 2001.
- MOTTA, Márcia (ORG.). *Dicionário da Terra*. Rio de Janeiro: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 2005.
- ONGHERO, André Luiz. *História de Nova Erechim: da colonização à emancipação*. Chapecó: Argos, 2013.
- OFICINA brincando na diversidade. *Cultura da Infância*. Vila Mariana: São Paulo: Fundação Orça, 2008.
- POLI, Jaci. *Caboclo: pioneirismo e marginalização*. *Cadernos do CEOM*. Para uma História do Oeste Catarinense: 10 anos de Ceom. Chapecó/SC, n.1-8, p. 71-110, 1995.

Sumário

Parte I - ANTES DE NOVA ERECHIM: O ANTIGO DESENHO DO OESTE CATARINENSE	
1.1 Antecedentes históricos: caboclos e indígenas no Velho Xaçecó.....	05
1.2 Ocupar, povoar... No Sertão Catarinense nasce um novo município.....	07
1.3 Uma nova terra, um novo começo.....	08
Parte II - EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS	
2.1 Extração da madeira, agricultura e comércio em Nova Erechim.....	10
2.2 Secos e molhados: comerciantes e armazéns nos tempos do Velho Xaçecó.....	10
2.3 Construir, habitar... a moradia como espaço de diversidade cultural	11
2.4 De gostos e sotaques: a cozinha como espaço de sociabilidade e herança cultural	12
2.5 Do costume antigo: educação, valores e ética social	15
2.6 Uma herança ancestral: o saber fazer dos artesãos	16
2.7 Contar causo, olhar a vida, brincar, encontrar o outro	
As práticas de lazer e sociabilidade de antigamente	17
2.8 Benza Deus: crença e práticas religiosas no Velho Xaçecó.....	19
PARTE III - MEIO SÉCULO DE MEMÓRIA –	
DESAFIOS DA PRESERVAÇÃO DOS HÁBITOS E COSTUMES.....	21
REFERÊNCIAS	22
ENTREVISTADOS.....	23

Prezados Leitores!

Esta publicação apresenta parte dos resultados do projeto de registro e preservação do patrimônio imaterial chamado “50 anos depois: inventário e salvaguarda do patrimônio imaterial de Nova Erechim”.

A proposta cultural foi apresentada pela Associação Cultural e Assistencial Princesa Isabel ao Edital Elisabete Anderle de estímulo a Cultura, edição 2013, promovido pela Fundação Catarinense de Cultura – FCC. As pesquisas referentes tiveram início em outubro de 2013, por uma equipe de pesquisadores, colaboradores e apoiadores que, durante o processo de execução, foram fundamentais para a realização do inventário e *salvaguarda do patrimônio imaterial* dos grupos étnicos (caboclos, ítalo-brasileiros e poloneses) que formaram o município de Nova Erechim, na primeira metade do século XX.

Nas páginas que seguem você encontrará mais informações sobre

o projeto 50 Anos Depois e os seus resultados. Além disso, você terá oportunidade de saber um pouco mais sobre:

- A Colonização do oeste catarinense e do Velho Xapecó;
- O povoamento e formação do município de Nova Erechim;
- O patrimônio cultural e as experiências vivenciadas nas primeiras décadas do município de Nova Erechim;
- A preservação do patrimônio cultural imaterial do município nos dias de hoje – 50 anos depois.

Este material foi desenvolvido pensando em você, estudante e professor, que deseja conhecer um pouco mais sobre o patrimônio imaterial, a história, os costumes e a cultura do município de Nova Erechim e região Oeste Catarinense.

Almejamos que esta cartilha possa ser um material de apoio didático às atividades do professor e uma fonte de conhecimento, de estímulo à pesquisa e à investigação para você estudante.

Sobre o Projeto

“50 Anos Depois: inventário e salvaguarda do patrimônio imaterial de Nova Erechim” é uma iniciativa que teve como finalidade realizar inventário e registro histórico do patrimônio imaterial dos grupos étnicos (caboclos, ítalo-brasileiros e poloneses) que formaram o município de Nova Erechim, na primeira metade do século XX.

Para garantir a sustentabilidade e a perspectiva de continuidade da proposta os produtos do projeto, após a finalização da

iniciativa, serão doados à Secretaria de Educação e Cultura de Nova Erechim que pretende viabilizar a criação do Museu Histórico de Nova Erechim.

Assim, a exposição será disponibilizada para empréstimo e ações de intercâmbio de exposições realizadas com museus e instituições culturais, a fim de viabilizar sua circulação pela região oeste catarinense e pelo estado catarinense.

Como foi realizada a pesquisa?

A execução do projeto partiu do mapeamento das pessoas, grupos, associações e detentores de saberes que acompanharam o período de formação histórica do município de Nova Erechim. Visitamos cada uma das famílias mapeadas e fotografamos os lugares, as casas e o quintal de cada propriedade. Também realizamos entrevistas filmadas em cada local visitado, indagando as memórias da comunidade sobre costumes, lazer,

brincadeiras, educação dos filhos, trabalho, religiosidade, hábitos e gostos alimentares, artesanato e outras vivências dos habitantes do município durante o período de colonização.

Nossa intenção foi reunir informações sobre os saberes, fazeres e expressões do patrimônio cultural imaterial dos grupos étnicos (caboclos, ítalo-brasileiros e poloneses) que formaram o município de Nova Erechim, na primeira metade do século XX.

Quais são os resultados dessa iniciativa?

A partir da análise do material de pesquisa coletado, foram produzidos:

- Esta cartilha educativa, contendo material de apoio ao professor, destinada à estimular a ação educativa a partir dos referenciais de história, memória e identidades regionais;
- Um documentário audiovisual, com duração de 45 minutos, que acompanha este material de apoio;
- Uma exposição que visibiliza expressões, fazeres e saberes coletados durante a etapa de pesquisa;

d) Oficinas de Educação Patrimonial destinada a professores dos níveis fundamental e médio de ensino, com a finalidade de capacitar multiplicadores dos conteúdos pesquisados durante a execução do projeto;

e) Ações educativas com estudantes dos níveis fundamental e médio de ensino, centradas nas temáticas de valorização do patrimônio cultural imaterial com ênfase na origem, história e memória dos grupos étnicos formadores de Nova Erechim e Oeste Catarinense.

PARTE III

MEIO SÉCULO DE MEMÓRIA – DESAFIOS DA PRESERVAÇÃO DOS HÁBITOS E COSTUMES

Os relatos demonstram que a diversidade cultural local foi determinante nas ações que perpassaram desde a adaptação, até a premissa de manter e preservar hábitos e costumes trazidos de outros lugares e regiões do sul do Brasil.

Entre essas ações, encontra-se a cultura como um conjunto, entre outras definições, de “questões relativas à política, organização do trabalho [...] vizinhança, etc” [...] e a religiosidade, transmitida de geração para geração e reinventada a cada dia, contribuindo para dar sustentabilidade às famílias que aqui estavam e para aquelas vindas de outras regiões.

No entanto e ainda na amplitude do rol cultural, as famílias novaerechinenses na atualidade, apresentam ações e hábitos que preservam costumes, saberes e fazeres relacionados a ofícios que, em alguns casos, resultam em produtos que agregam valor a economia familiar. Dentre

tantos bons exemplos, citamos a produção de licores e de aguardente de cana, o artesanato com palhas de milho e trigo, o artesanato em madeira, as receitas culinárias herdadas, o conhecimento das propriedades medicinais das plantas e a sabedoria de benzedadeiras e curandeiras.

Nesse cenário de transmissão dos saberes, é possível observar, em Nova Erechim, a existência de redes articuladas em prol da preservação dos costumes e fazeres herdados dos antepassados. Alguns aspectos são determinantes nesse processo: a escuta e a valorização das memórias familiares, ações de pesquisa e difusão de publicações como esta e as associações culturais que, no município, têm um papel fundamental na salvaguarda, transmissão e adequação da cultura local. Tais práticas e ações contribuem especialmente com a preservação do patrimônio imaterial do município e da região oeste catarinense.



De fato, nos primeiros anos de povoamento do município de Nova Erechim/SC, a fé era algo primordial na busca de soluções para os males cotidianos. As narrativas em torno dos problemas ligados à saúde demonstram que as ações de curadores(as) e benzedoras(os), preenchiam lacunas relacionadas à cura de doenças.

...naquela época tinha muitos curadores e benzedores, eles benziam e funcionavam muito bem (Angelina Alves Machado).



A fé, do Latim “*fides*”, significa, entre outros, sentimentos de totalidade na confiança e credibilidade em algo ou alguém, mesmo que não haja evidências que comprovem a veracidade em ações e efeitos sobre os mesmos. Pode ser também, um conjunto de ações e atitudes positivas que diferem da dúvida, ou seja, pode ser atribuída para resolver problemas emocionais e físicos, mediada por uma virtude daqueles que aceitam como verdade absoluta os princípios difundidos por uma determinada religião.

Nós gostamos ainda do nosso sistema que nós tínhamos naquele tempo; agora mudou um pouco (Herta Ferla).

Em geral, as narrativas dos moradores mais antigos entrevistados deixam entrever a nostalgia pelas mudanças ocorridas ao longo dos anos na região. Os “*tempos d’antes*” dos caboclos é frequentemente invocado para lembrar que, antigamente, a religiosidade tinha uma dimensão diferente, num mundo que era também diverso – com rotinas claramente marcadas pelas estações do ano e pela passagem natural do tempo. O isolamento em meio ao sertão e a herança religiosa contribuíam para a constituição de um cenário em que a fé era a solução para a maioria dos problemas cotidianos.

Parte I

ANTES DE NOVA ERECHIM: O ANTIGO DESENHO DO OESTE CATARINENSE

1.1 Antecedentes históricos: caboclos e indígenas no Velho Xaçecó

Antigamente, no tempo dos nossos avós e bisavós, a região que hoje chamamos de Oeste Catarinense, era conhecida como “Xaçecó” – assim mesmo, com “X”. É que, de acordo com os relatos históricos daquela época, o nome foi inspirado na fala dos povos indígenas, que já habitavam a região quando do estabelecimento da colônia Militar de Chapecó, comandada pelo Marechal Bormann.

Para ter uma ideia do tamanho da área em questão, saiba que eram aproximadamente 14 mil quilômetros quadrados. Seus limites iam da fronteira com a Argentina, no extremo oeste, ao rio Irani que, antigamente, demarcava a divisa com o município de Cruzeiro – hoje Joaçaba. Ao norte, a região faz **divisa seca** com o Paraná e, ao sul, o rio Uruguai marca a divisa com o Estado do Rio Grande do Sul.

Quando o município de Chapecó foi criado, pela Lei Estadual nº 1.147, de 25 de agosto de 1917, o governo catarinense entendia essa vasta região como despovoada. Mas a ideia de despovoamento não correspondia à realidade. Naquela época, era comum a ocupação voluntária de terras. Segundo o professor Silvio Coelho dos Santos, no início do século XX, as terras custavam pouco e, ainda assim, frequentemente pessoas que não podiam comprar seu pedaço de chão e arcar com as custas de registro necessário, embrenhavam-se na mata em busca de um local onde abrir uma clareira e estabelecer sua moradia. Eram os **posseiros** ou seja, **as pessoas que vivem em determinada área sem documentação legal de posse do território.**

[Divisa Seca: diz-se dos limites de território em que não há a presença de um curso d’água como demarcador]



Você sabia?

O termo “Terras Devolutas” significa terras de propriedade do Estado. Até o início do século XX, era muito comum que grandes porções territoriais se configurassem como terras devolutas e, no interesse de povoar o território, o governo costumava doar ou vender a preços baixos essas terras para fins de colonização. Para saber mais, pesquise os termos da Lei Geral nº. 514, de 28 de outubro de 1848 (Coleção de Leis do Império do Brasil - 1848, Página 25 Vol. pt I).

Observe os mapas abaixo: o primeiro retrata o território original do Velho Xaçecó e, o segundo, ilustra a atual divisão geopolítica do Oeste Catarinense.



Mapa dos municípios de Chapecó e Cruzeiro. Fonte: Companhia Colonizadora Bertaso, 1936. Acervo: CEOM/Unochapecó.



Mapa de Santa Catarina e região Oeste Catarinense, de acordo com os limites atuais. Fonte: Acervo do CEOM/Unochapecó.



Embora a atual região Oeste Catarinense tenha mais de 100 municípios neste início do século XXI, no começo do processo de colonização, a partir de 1917, apenas 2 municípios compunham a área: Chapecó e Cruzeiro que, atualmente compreende Joaçaba e municípios vizinhos.

Mas, antes de tornar-se uma área de colonização, a região viveu pelo menos dois grandes períodos de conflitos por território: um internacional, conhecido como

A Questão de Palmas

Fronteiras são uma construção histórica. Em geral, fruto de intensas disputas e negociações entre países e povos. No caso da fronteira entre Brasil e Argentina, as disputas pelo território que atualmente compreende a região Oeste do Estado brasileiro de Santa Catarina e a porção leste da atual província argentina de Misiones datam dos tempos do Brasil Colônia.

No início do período republicano Brasil e a Argentina protagonizaram nova disputa. Desta vez, o conflito foi mediado pelo presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland, em 1895, e deu ganho de causa ao Brasil. Pelos termos deste novo acordo, a fronteira entre os dois países é demarcada pelos Rios Peperi-Guaçu e Santo Antonio. Desta forma, a vasta área compreendida pelos campos de Palmas seguiu sendo parte do Brasil.

Questão de Palmas, e outro interno, entre os Estados do Paraná e Santa Catarina, que resultou na **Guerra do Contestado** e dizimou boa parte da população cabocla que vivia no sertão catarinense naquela época.

A Guerra do Contestado

A região contestada abrangia uma vasta área com aproximadamente 48 mil quilômetros quadrados situada entre os rios Iguapé e Uruguai. O início das disputas remonta ao ano de 1901 e envolvia as províncias de São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e, posteriormente, Paraná. Em 1908, o governo brasileiro contratou a empresa americana *Brasil Railway Company* para construir uma estrada de ferro ligando a província de São Paulo ao porto de Rio Grande, no extremo sul do Rio Grande do Sul. Como pagamento pelo trabalho, a Companhia ganhou a concessão de 15 quilômetros em cada margem da estrada de ferro construída. Pelo acordo, a empresa poderia explorar e colonizar as terras em questão. Os trabalhos de exploração da madeira e colonização da área foram concedidos pela *Brasil Railway Company* à madeireira e colonizadora inglesa *Souther Lumber* que, ao iniciar o processo de exploração da área, expropriou milhares de posseiros que ocupavam o território desde os tempos do império, dando início ao conflito armado que resultou na maior guerra civil da história do Brasil: a Guerra do Contestado.

2.8 Benza Deus: crença e práticas religiosas no Velho Xaçepé.

A religiosidade, nos primeiros tempos de colonização, mesclava catolicismo popular - em que as devoções são fortemente influenciadas pelas práticas locais - e o catolicismo oficial, cujas regras e práticas são determinadas pelas autoridades religiosas.

Um exemplo de prática do catolicismo popular bastante comum na região era os “batizados em casa”. A prática consistia em reunir padrinhos, amigos e parentes mais próximos, na residência da família, a fim de batizar a criança recém nascida. Não era obrigatória a presença de uma autoridade religiosa para executar o ritual. Tal prática era comum pois haviam poucas igrejas e eram raras as vindas do sacerdote.

...batizado em casa, pegava um copo de água, três galinhos verdes e passava na cabeça da criança, depois podia fazer uma oração (João Maria Ferreira).

Outro fato significativo dentro desse universo religioso era a observância do domingo como dia de oração e o respeito pelos “*dias santos*” (feriados religiosos).

Domingo de manhã, junto com nossa mãe e pai, tínhamos que ir junto na missa, era [...] uma capela aberta, não podia falhar. Naquele tempo a gente ia na missa de terno, não podia ir só de camisa, tinha que ir de terno (Vicente Knakiewicz).

[...] Natal também era bem diferente, a gente ficava se preparando já um mês pra vim o menino Jesus e o que ia ganhar de presente. Só que não era que nem hoje um brinquedo, era um perfume ou um lenço, uma coisa assim, por que não tinha o que escolher, [...] assim os pais botavam em baixo do travesseiro pra então a gente de madrugada levantar e ver a primeira coisa o que tinha debaixo [...] (Vicente Knakiewicz).

Uma das características mais marcantes da devoção popular do Oeste Catarinense, o culto aos monges ligados à Guerra do Contestado, também faz parte das narrativas dos moradores de Nova Erechim. São notórios relatos sobre a passagem dos monges João e José Maria pela região.

Ainda hoje, embora não reconhecidos pelo catolicismo oficial, no Oeste Catarinense os monges possuem status de santos. São cultuados, se lhes atribuem milagres e são realizadas novenas, procissões e romarias em sua devoção. Um dos mais lembrados é o Monge João Maria, por muitos chamado de “São João Maria”, cujas histórias fazem parte da memória do povo.

Uma das mais antigas orações de João Maria.

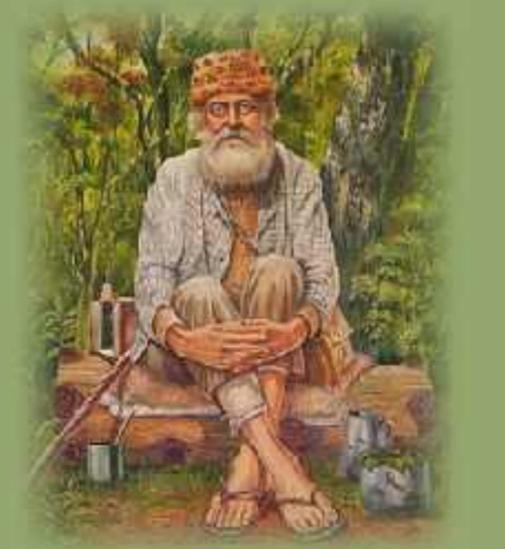
Santa Cruz e Santo Monge
São imagens do Senhor
Nosso Santo Frei Manoel
Que é nosso Protetor.

Santa Cruz e Santo Monge
São imagens do deserto
A mansa ferra dos ermos
Faz o longe car perto

Foi a minha felicidade
Naquele sagrado dia
Que chegou na minha casa
Santo Monge João Maria

Me disse que eu fosse monge
Que havia a ser feliz
No prumo de um ano diante
Virei ver o que voz me diz

No viver do Santo Monge
Quem é que considera
Quem não faz a penitência
No mundo que mais espera.



Monge João Maria [Óleo sobre tela, de Agnelo Antunes para o devoto Edelson Hortêncio Alves Julio. O original está exposto no Restaurante Confraria do Monge, em Correia Pinto-SC.]

Pesquise mais!

Algumas rezas e orações são transmitidas de pais para filhos ao longo de gerações. Antigamente, era muito fácil se recordar delas pois rezar era um hábito coletivo e muito comum no ambiente doméstico. Cada vez mais raro, o hábito de rezar em família contribuiu para o esquecimento de rezas e orações tradicionais. Que tal descobrir algumas? Pergunte aos seus familiares de mais idade sobre orações que eles tenham aprendido com os mais velhos e lembrem “de cor”. Anote e compartilhe com seus colegas o que você descobrir.

As meninas brincavam no poteiro, onde tinha algumas árvores com sombra. Nós tínhamos até as lojas, onde o tecido era as folhas das árvores. Comprava uma da outra, com uns grãos de milho, que era a moeda (Regina Knakiewicz).

...até dez, doze anos, brincava com um carrinho de pedaço de tábua, com dois carretéis de linha [...] depois dos doze, treze anos, [...] junto com o pai na enxada, todo o dia junto com ele (Ildo Ferla).

Vamos brincar?
Que tal conversar com o vovô e a vovó e descobrir quais eram as brincadeiras favoritas do seu tempo de criança? Procure aprender direitinho as regras e, depois, apresente aos seus colegas, ensinando a brincar também.

Aos jovens e adultos, cujas exigências de trabalho eram maiores, o lazer era mais restrito aos finais de semana e “dias santos”. Mesmo os encontros dominicais constituíam um espaço importante de sociabilidade. Havia ainda as carreiradas – implicavam na destreza dos cavaleiros em aproveitar ao máximo a potencialidade do cavalo, em corridas de até vinte metros. Os encontros que agregavam danças e cantos e, até mesmo, momentos de devoção, onde a amizade era o principal catalisador.

Carreirada: esporte muito comum no período da colonização do Oeste Catarinense. Tratava-se de uma corrida de cavalos em pista de chão batido. Reunia grande público que se revezava entre torcer e aplaudir a corrida e apostar nos seus cavalos favoritos.

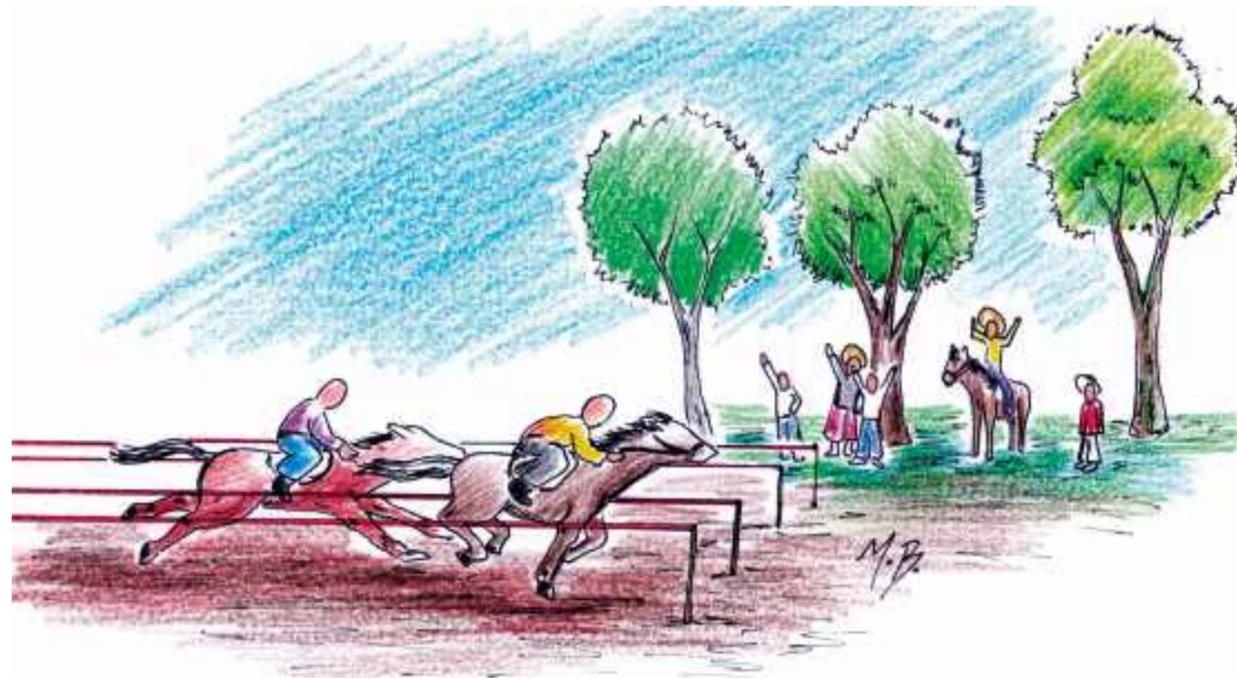
moças se juntavam entre vizinhas [...] e os rapazes, nos domingos de tarde para conversar e contar os casos. Passava à tarde que nem via a hora (Vicente Knakiewicz).

[...] os primeiros anos a gente nos domingos de meio dia, tinha matine. Tinha um salão ali de gaita e daí quando era a hora [...] de rezar o terço, [...] que batia o sino, fechava lá e todo mundo tinha que ir para a igreja; depois voltava. Crianças e todo mundo [...] a gente dançava assim com todos os amigos, com todos, era muito bonito. Hoje em dia não tem mais essas amizades, era muito lindo aquela vez (Neli Margarida Schuh).

[aos sábados] se reuniam [...] uma turminha e ficavam cantando um pouco em italiano. A gente tocava uma gaita e era divertido, assim cantando (Ildo Ferla).



Carreirada era profissão, um queria ter o cavalo melhor que o outro. Então o melhor cavalo ganhava o dinheiro [...] tirava dinheiro se o cavalo era bom. Assim como, perdia também para o outro (Braziliano Nunes de Gois).



Ao final da Guerra do Contestado, a colonização oficial da região se intensificou. O processo de loteamento e comercialização das terras foi executado por Companhias Colonizadoras privadas. Foram cerca de 20 empresas sendo a maioria advindas do Estado do Rio Grande do Sul. Foi a

Pesquise mais!
As Companhias Colonizadoras foram empresas privadas que atuaram na medição, loteamento e comercialização das terras consideradas “despovoadas”. Essa sistemática de colonização foi bastante comum no Sul do Brasil no começo do Século XX. Hoje em dia, as Companhias Colonizadoras já perderam a razão de ser e, por isso, foram extintas ou funcionam apenas parcialmente. O equivalente contemporâneo são as imobiliárias. Que tal pesquisar o trabalho de uma imobiliária ou de um corretor imobiliário e saber mais sobre o funcionamento desses empreendimentos?

primeira vez na história da região, que o Estado delegou à iniciativa privada um empreendimento sob sua responsabilidade.

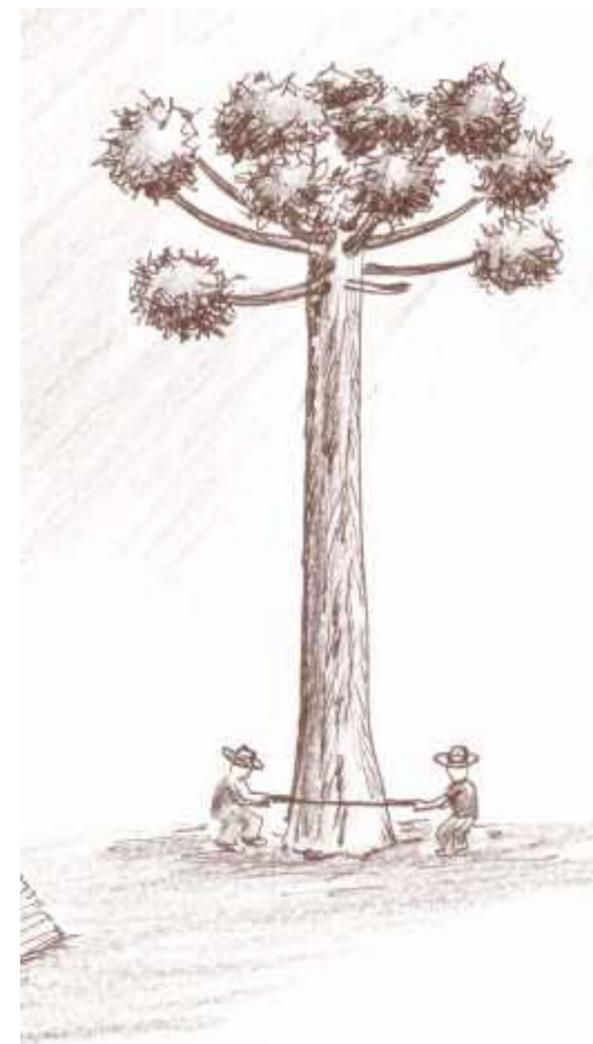
Os antigos municípios de Chapecó e Cruzeiro, criados em 1917, sofreram desdobramentos posteriores, originando a atual divisão geopolítica da região Oeste Catarinense. A primeira grande leva de emancipações municipais ocorreu na década de 1950 e originou a maioria dos municípios mais antigos da região.

1.2 Ocupar, povoar... No Sertão Catarinense nasce um novo município

Os novos municípios, formados a partir dos primeiros anos de colonização do Oeste Catarinense, guardam semelhanças tanto na forma como foram concebidos, quanto na constituição étnica de sua população. Em Nova Erechim, é possível encontrar descendentes de caboclos, italianos, poloneses e alemães. Depoimentos de antigos moradores afirmam a origem do nome – Nova Erechim – inspirado no município de Erechim-RS, de onde vieram a maioria dos migrantes que aqui se estabeleceram.

A porção territorial que viria a ser o município de Nova Erechim se localizava numa área com mais de 78 mil metros quadrados, pertencente à Colonizadora Bertaso. A fim de facilitar sua administração, a área foi dividida em seções e a *Seção Burro Branco* originou, mais tarde, o novo município.

“Nós viemos por um único motivo: o pai era filho de agricultor e ele veio em busca de um novo horizonte, de um lugar para ele trabalhar. E aqui é que oferecia terra a vontade, um lugar bom, que estava se abrindo uma fronteira. Uma nova fronteira e lá vieram se instalar [...]. Os moradores de Nova Erechim, a maioria vieram do velho Erechim e por isso levou o nome [...] Vieram de lá e trouxeram junto o nome”. (Sérgio Pagliarini).



O mapa ao lado ilustra, ao mesmo tempo, a forma artesanal com que os mapas eram produzidos na época, o traçado dos loteamentos rurais e a abrangência das terras repassadas à administração da família Pandolfo – que assumiu a gestão das terras da *Secção Burro Branco*. Ao centro, destaque para o retângulo em vermelho, mostrando a sede da vila Nova Erechim. Na parte superior, o retângulo em azul mostra a área que corresponde a família Pandolfo. Já à esquerda, grifado em amarelo e rosa, os rios Burro Branco e Chapecó respectivamente.

Naquela época, era prática comum a realização de levantamentos topográficos, a fim de definir os limites e o traçado das novas localidades. Em Nova Erechim, esse levantamento ocorreu entre os anos de 1953 e 1954 e, de acordo com os documentos oficiais, tinha o objetivo de “criar uma cidade, estudando a declividade do terreno para a elaboração de um plano diretor”.



Planta com a localização das terras subsidiadas pela Companhia Sul Brasil as famílias Pandolfo e Tegoni. Fonte: CEOM/UNOCHAPECÓ.

1.3. Uma nova terra, um novo começo...

As sementes para a constituição de um novo município no sertão catarinense vieram com os primeiros ocupantes do território: posseiros que, sem recursos para registrar terras, embrenhavam-se no sertão em busca de regiões ainda pouco povoadas, e caboclos em busca de paz, longe de conflitos como as Revoluções Federalista e Farrroupilha,

ocorridas no Rio Grande do Sul no século XIX, e a Guerra do Contestado, que aconteceu em Santa Catarina e Paraná, no começo do século XX. São as famílias originadas a partir destes primeiros moradores que os pequenos agricultores gaúchos encontram, ao migrarem para a nova terra.



[faço] tranças de palha de trigo desde criança. Aprendi com minha mãe e minha avó (Adelina Riboldi Alessi).

Naquele tempo, era um riscado, diziam riscados. Era uma **fazenda** tudo de listras, bem comum. Comprava e mandava fazer a roupa (Brasiliano Nunes Gois, Linha).

Fazenda: peça de tecido estampado adquirido em metro.

A madeira por sua vez, nas mãos de um artesão habilidoso, pode resultar em gamelas – vasilhas semelhantes à bacias, feitas em madeira escavada artesanalmente. Era um utensílio bastante usado na cozinha, para acondicionar alimentos, higienizar, servir...

De acordo com o professor e pesquisador João Paulo Tedesco [...] falar em artesanato é, no mínimo, correlacionar tempos, culturas e contatos; é ter presente elementos que são apreendidos, acrescidos, intercambiados e enriquecidos com o contato cotidiano inter e intra-étnico, com heranças europeias, formas e traços culturais produzidos pela relação ambiental e social no contexto do vivido [...] (2006, p. 227).

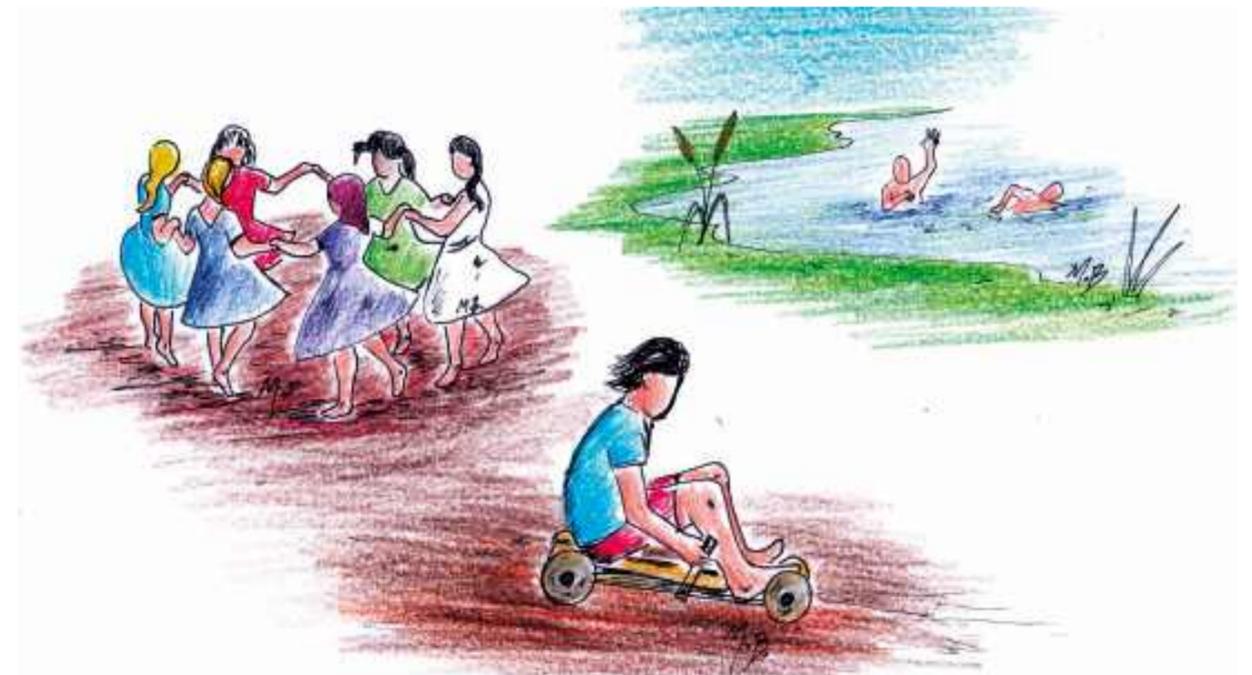
Pesquise mais!
Você sabe quantas e quais são as técnicas de artesanato praticadas em seu município? Que tal pesquisar e elaborar uma lista com as mais conhecidas?

2.7 Contar causo, olhar a vida, brincar, encontrar o outro... As práticas de lazer e sociabilidade de antigamente

Foi unânime, entre os moradores mais antigos de Nova Erechim entrevistados, que as práticas de lazer de outrora eram saudáveis e criativas. De acordo com os relatos, as brincadeiras eram de caráter campal e de forte estímulo sensorial. Logo inventar um determinado brinquedo ou mesmo, como diz Dona Angelina Alves Machado, “brincar de subir em árvores”, eram práticas frequentes.

[naquele tempo se] inventava alguns brinquedos, porque não se ganhava, não tinha nas lojas que nem hoje, a gente mesmo fabricava [...] carrinhos pra poder brincar morro abaixo (Vicente Knakiewicz).

[os rapazes] tinha uns campinhos, onde o pessoal [...] gostava de jogar [...] se juntavam ali e fazia aqueles joguinhos brincando (Antonio Knakiewicz).



Já as meninas, eram preparadas para o trabalho doméstico. Importava saber cozinhar, costurar, cuidar da plantação de hortaliças, do gado de leite, das galinhas, dentre outras funções restritas ao entorno da casa. Porém, nas épocas de plantio e colheita, que exigiam mais trabalhadores, as mulheres da família colaboravam também na roça, desempenhando assim dupla jornada de trabalho.

...da minha mãe eu aprendi a lavar roupas, remendar [...] e fazer crochê (Adelina Riboldi Alessi).

As mulheres faziam em casa e na roça. E com as crianças pequenas, tinha que aproveitar o tempo à noite para costurar, remendar, lavar as roupas e fazer pão de meio dia; os homens não ajudavam muito em casa (Regina Knakiewicz).

As condições climáticas, as estações do ano e a luz do sol eram os fatores determinantes na realização dos trabalhos. E, de modo geral, o trabalho já era a condição da existência da maioria das pessoas naqueles tempos. Os depoimentos dos moradores mais antigos do município usam a expressão “não havia desperdício de tempo”, significando com isso que todo tempo ocioso precisava ser ocupado com algum tipo de trabalho.

Serviço era no galpão quando chovia, descascando milho. Não tinha lá ficar dormindo, brincando ou brigando dentro de casa [...] às vezes nós descascava milho até duas, três semanas seguidas (Regina Knakiewicz).

[servia pra salgar carne até] lavar a louça, era para tudo. Por isso, nós fazia a gamela (João Maria Ferreira).

Havia casos em que a própria confecção de roupas poderia ser uma prática quase artesanal. Em geral, as técnicas do processo de costura também eram passadas de mãe para filha e as ferramentas e acessórios utilizados no trabalho podiam ser improvisados de acordo com a disponibilidade de produtos – tecidos, linhas, adereços – e de materiais – agulhas, tesouras, giz de marcação e outros.



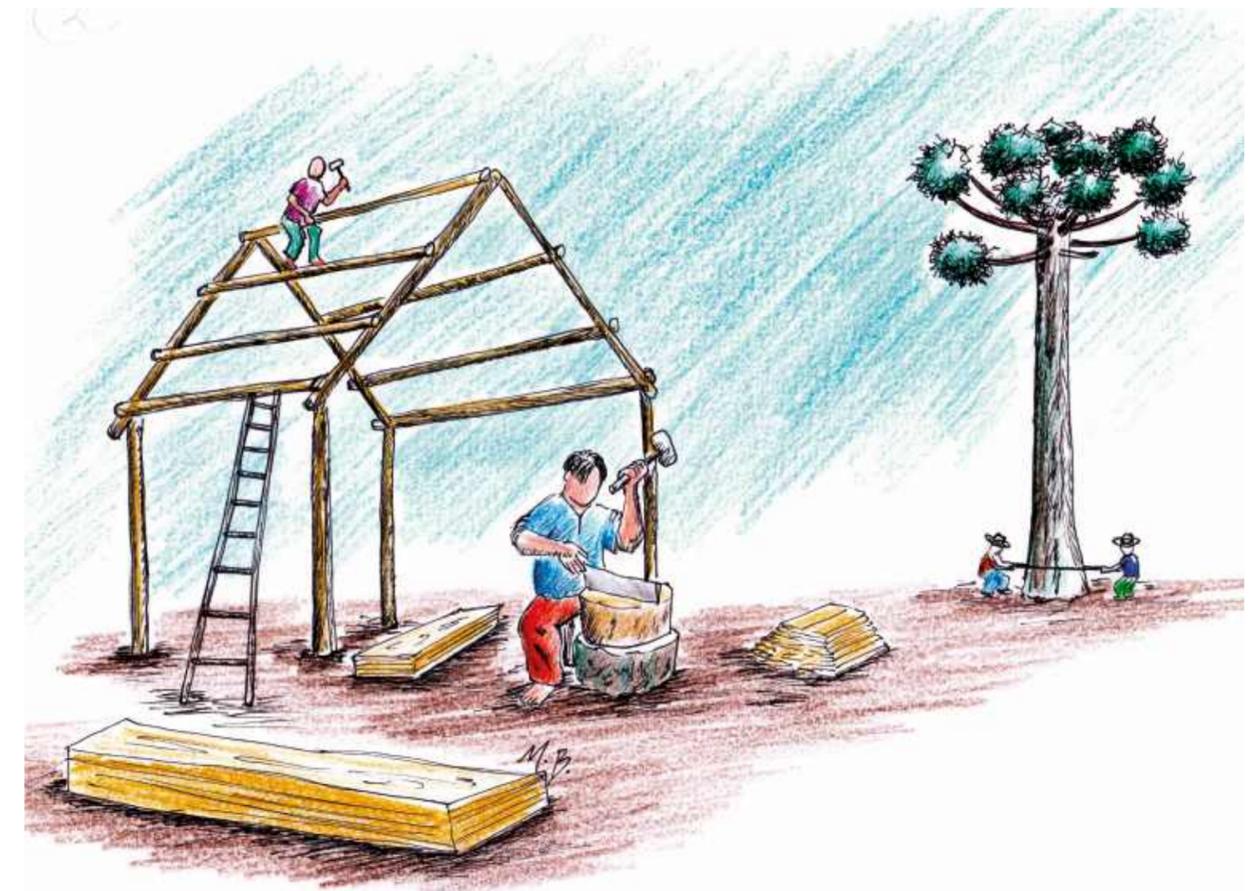
Para os recém chegados, a terra estranha, a floresta densa, os caminhos inexistentes e o intenso trabalho necessário à edificação da nova moradia e ao preparo da terra para plantio constituíam inúmeras dificuldades. Os relatos dos antigos moradores de Nova Erechim contam uma história de muito trabalho coletivo, de mutirões e de ajuda mútua.

Apesar de todas as dificuldades, essa era a terra onde cada novo casal aspirava constituir família e sobreviver. Era muito comum que parentes e amigos também migrassem para a região, transpondo o modo de vida e o núcleo de convivência social da antiga localidade, no Rio Grande do Sul, para o interior de Santa Catarina.

Os novos colonos deram origem também à profundas mudanças na paisagem local. Uma das primeiras ações dos migrantes ao se instalarem na nova propriedade era a derrubada da mata. A floresta representava ao mesmo tempo uma ameaça e um meio de subsistência: dali vinham os animais selvagens mas, também, a caça, a madeira para a construção das moradias e para comercialização.

No nosso tempo que eu conheci era só sertão velho, [...] aqui era só mata. [...] Aqui era lugar de peixes, quem não conhecia se assustava no rio. Ia ao rio lá se assustava, onde queria via aquele animalão (animal) de traíra [...]. Aquele tempo, aqui nessa cruzada desse rio (Rio Burro Branco), minha nossa, era só frutas e frutas na beira do rio. Se chegava numa fruteira, ficava abismado de ver a quantia de peixe que existia. (Braziliano Nunes Gois)

Pesquise mais!
Toda família tem o seu baú de lembranças, certo? Pois converse com seus pais, avós, tios e tias e procure descobrir fotografias ou objetos antigos, dos tempos de povoamento e colonização de Nova Erechim. Faça uma lista dos objetos e fotografias que você encontrar. Procure saber e anote as respostas às seguintes perguntas:
- Qual a história desse objeto? Por que ele é importante? A quem pertenceu? Quantos anos tem? Como era usado?
- Em que local foi feita essa fotografia? Quem aparece na foto? Quem foi o fotógrafo? Qual a história dessa fotografia?
Se você puder, fotografe os objetos e retratos que você encontrar. Depois, combine com sua professora e colegas uma forma divertida de apresentar suas descobertas.
Por fim, que tal reunir os colegas e elaborar catálogos de objetos e de fotografias, com as imagens que vocês produzirem e as informações que cada um pesquisou?
Bom trabalho!



Parte II EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS

2.1 Extração da madeira, agricultura e comércio em Nova Erechim

À medida que o tempo foi passando, as novas terras foram tornando-se promissoras e algumas atividades laborais foram se solidificando. É o caso, por exemplo, da agricultura de subsistência que ocorreu paralelamente à extração da madeira.

Para iniciar os cultivos agrícolas era necessário abrir clareiras no mato e “mexer” com a terra. Nas chamadas “roças” utilizavam-se instrumentos como machado, serrote, foice ou facão, além de outros utensílios, como a enxada, o arado e a **Saraquá**. Após esse processo ocorria a queima da área, onde a plantação era intercalada pelos períodos de cultivo (safra) e entre safra.

“[As terras no Rio Grande do Sul] não produziam mais, era terra plana mas fraca e ninguém conhecia calcário e adubo. Então a gente procurou onde tinha terras que eram mais fortes, que produziam, que era ainda mato” (Vicente Knakiewicz)

Você sabia?
Saraquá é uma espécie de plantadeira manual, que foi fundamental para o início da agricultura na região.

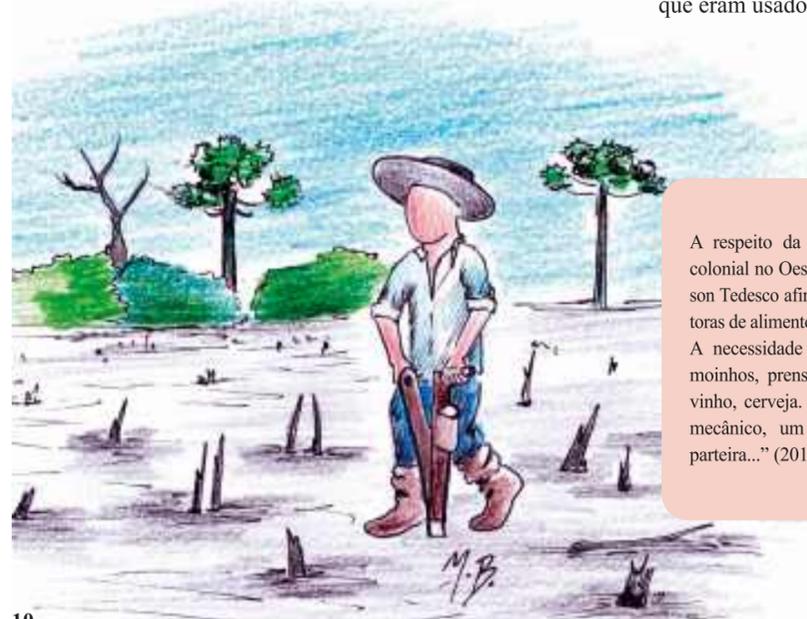
2.2 Secos e molhados: comerciantes e armazéns nos tempos do Velho Xapecó

Nos primeiros tempos de colonização, o comércio se limitava ao estritamente essencial, que não fosse possível produzir no núcleo familiar. Produtos como sal, tecidos, querosene para as lamparinas, açúcar, além de ferramentas e alguns instrumentos de trabalho, estavam entre os mais consumidos. Os estabelecimentos comerciais frequentemente eram chamados de “Armazém de secos e molhados”, significando com isso que comercializavam diferentes categorias de produtos.

Naquela época, era prática comum entre os comerciantes o uso da “caderneta” – um pequeno caderno onde eram anotadas as compras dos clientes para pagamento posterior.

Frequentemente, os pagamentos eram feitos trocando-se a produção dos agricultores pelos comercializados no armazém.

A principal diferença entre os primeiros tempos da colonização e os dias atuais é que, em geral, cada unidade familiar produzia a quase totalidade dos alimentos necessários ao consumo da família. Em todo o país, a população era predominantemente rural e cada família tinha sua própria criação de animais - aves, bovinos e suínos. Produtos como leite, queijo, ovos, carnes, couro, banha e embutidos, dentre outros, eram produzidos pelas próprias famílias. Os bovinos tinham valor também como auxiliares no trabalho agrícola, já que eram usados para puxar carroças, arados e arrastar toras.



A respeito da autossuficiência dos núcleos familiares do período colonial no Oeste Catarinense, os pesquisadores Paulino Eidt e Anderson Tedesco afirmam que “todas as famílias eram potencialmente produtoras de alimentos, objetos de trabalho, roupas, calçados, móveis e outros. A necessidade fez aflorar a criatividade das pessoas. Inventaram moinhos, prensas, rodas d’água, instrumentos de trabalho, cachaça, vinho, cerveja. Em cada família se gestava um cientista natural, um mecânico, um construtor, um sapateiro, um farmacêutico, uma parteira...” (2012, p.10).

2.5 Do costume antigo: educação, valores e ética social

A história de Nova Erechim, como dos demais municípios que formaram a região oeste catarinense, é recheada de causos e contos que associam a astúcia desbravadora e a simplicidade de enfrentar as dificuldades geradas pela topografia local. São notórias as abordagens que se referem aos valores familiares como fundamentais na difícil tarefa do sustento e sobrevivência da família.

Um dos fatores dessa dinâmica era a educação no seio familiar. Considerada rígida para os moldes de hoje, a educação familiar era uma das principais mantenedoras de hábitos e princípios passados de geração em geração, tendo os pais como os principais fios condutores.

[os pais] eram mais enérgicos, seguravam mais as crianças e elas obedeciam, nunca diziam que não (Antônio Knakiewicz)

desde criança a gente sempre respeitou, teve aquele respeito pelos pais. [...] Os nossos filhos vivem no sistema que nem nós fomos ensinados, no costume antigo. [...] Cada um sabia do seu compromisso e o que a gente tentou preservar é a obediência e a sinceridade (Lotário Aloysio Schneider).

Havia papéis rigidamente determinados para homens e mulheres, que possuíam funções diferentes e exerciam poderes diversos na estrutura social. Essa diferenciação começava muito cedo, ainda na primeira infância. Era uma sociedade essencialmente rural e os filhos homens aprendiam desde muito cedo o ofício paterno.

Dica:
Faça uma pesquisa com seus pais e avós e descubram quais eram as regras que deveriam ser seguidas em casa no convívio em sociedade.

Apesar de ser um ofício tido como pesado, o trabalho na roça também apresentava momentos de solidariedade e confraternização entre amigos na comunidade. Os “**puxirões**”, eram prática comum e reproduzem uma forma de solidariedade e trabalho coletivo bastante comum na região Oeste Catarinense.

Os homens não ajudavam em casa porque não foram instruídos a isso (João Maria Ferreira).

Puxirão: corruptela da palavra “mutirão”, consistia em trabalhos de ajuda mútua entre amigos, numa espécie de rodízio coletivo, tanto para a preparação da terra, como para a colheita.

...nos tempos do puxirão juntava os amigos, carneava um porquinho. Um pouco se divertiam, um pouco trabalhavam (João Maria Ferreira).

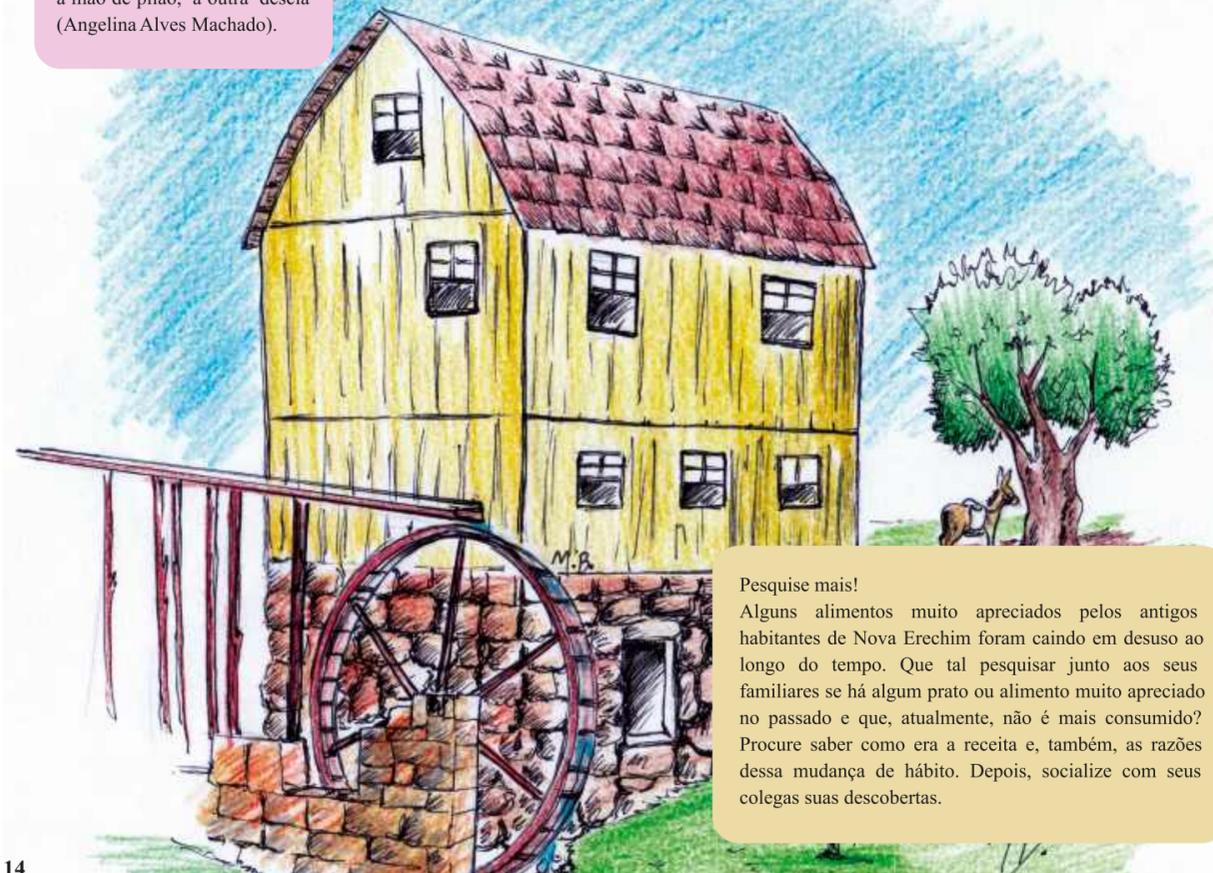


Mas, de todos os elementos que compunham a culinária, o milho foi o cereal que mais se destacou. Do grão de milho derivaram produtos como a quirelinha, o pão de milho (broa), farinha de biju, o virado de feijão e a polenta. Alimentos responsáveis por suprir as necessidades alimentares num tempo onde o trabalho era considerado difícil.

A gente, descendente de caboclo usava muito os derivados do milho, a canjica, a broa de milho, farinha torrada de biju e o revirado de feijão (Angelina Alves Machado).

A produção dos alimentos era simples porém, acrescida de um saber/fazer que abrangia desde a escolha dos grãos a serem utilizados, até a confecção dos utensílios usados. É o caso, como referência, do pilão: uma tora de madeira, com uma cavidade na parte superior, acrescida de um bastão denominado, popularmente, “mão de pilão”.

[o pilão] era para tudo, era para socar arroz, canjica [...] socar erva mate; a gente utilizava para tudo que tipo de coisa. Tinha até pilão com duas mãos [...] e aí socava com duas pessoas, quando uma levantava a mão de pilão, a outra descia (Angelina Alves Machado).

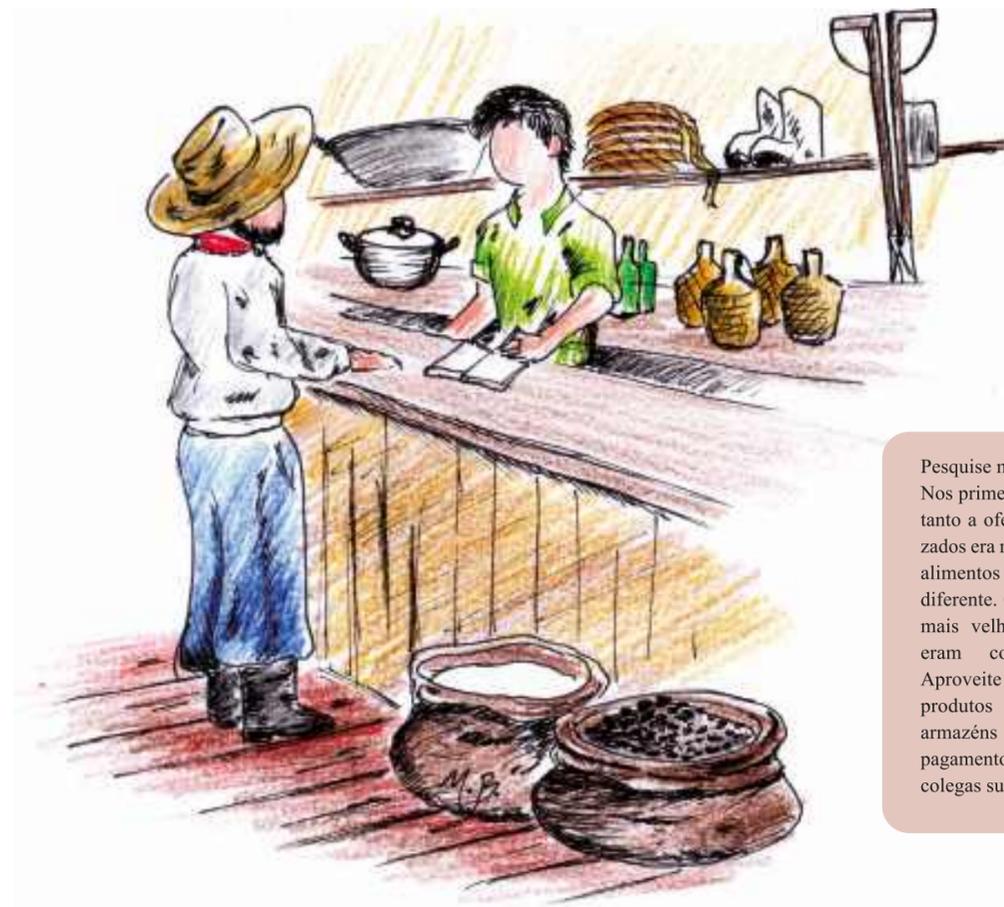


Pesquise mais!
Alguns alimentos muito apreciados pelos antigos habitantes de Nova Erechim foram caindo em desuso ao longo do tempo. Que tal pesquisar junto aos seus familiares se há algum prato ou alimento muito apreciado no passado e que, atualmente, não é mais consumido? Procure saber como era a receita e, também, as razões dessa mudança de hábito. Depois, socialize com seus colegas suas descobertas.

Outra iguaria responsável pela socialização dos diferentes grupos de Nova Erechim foi a polenta. De acordo com os relatos de moradores mais antigos, a receita chegou com descendentes de italianos e alemães e teve aceitação imediata na região Oeste Catarinense.

Mas a farinha para a produção da polenta necessita de beneficiamento em **moinho**, por ser mais fina. Segundo o relato de Ildo Ferla, o deslocamento até moinho poderia chegar até vinte quilômetros. Para uma época em que o transporte era feito a cavalo ou mulas, especialmente no caso de transporte de cargas, como o eram as sacas de milho para a “moagem”, o tempo de locomoção era ainda mais longo, tornando a busca pela farinha no moinho uma jornada de até um dia de viagem. Dona Neli Margarida Schuh nos conta que sua família preserva, ainda hoje, o hábito de consumir a polenta.

Moinho: espécie de engenho movido pela força das águas de rios e riachos, que faz girar uma roda d’água, alimentando o sistema de moagem. Podia ser utilizado para produção de farinha a partir de milho ou trigo.



Pesquise mais
Nos primeiros tempos da colonização, tanto a oferta de produtos industrializados era menor, quanto a produção de alimentos pelos agricultores era diferente. Que tal pesquisar, junto aos mais velhos, que tipos de cultivos eram comuns naquela época? Aproveite para perguntar também que produtos eram adquiridos nos armazéns e como era o sistema de pagamentos. Depois, socialize com os colegas suas descobertas.

2.3 Construir, habitar... a moradia como espaço de diversidade cultural

Construir a habitação naqueles primeiros tempos de colonização era algo singular. Usava-se o que havia à mão – madeira bruta ou lascada de madeira rudimentar, chão batido, telhado coberto com as famosas “tabuinhas”... As técnicas de construção eram um saber herdado e retransmitido às gerações mais jovens, num contínuo aprendizado.

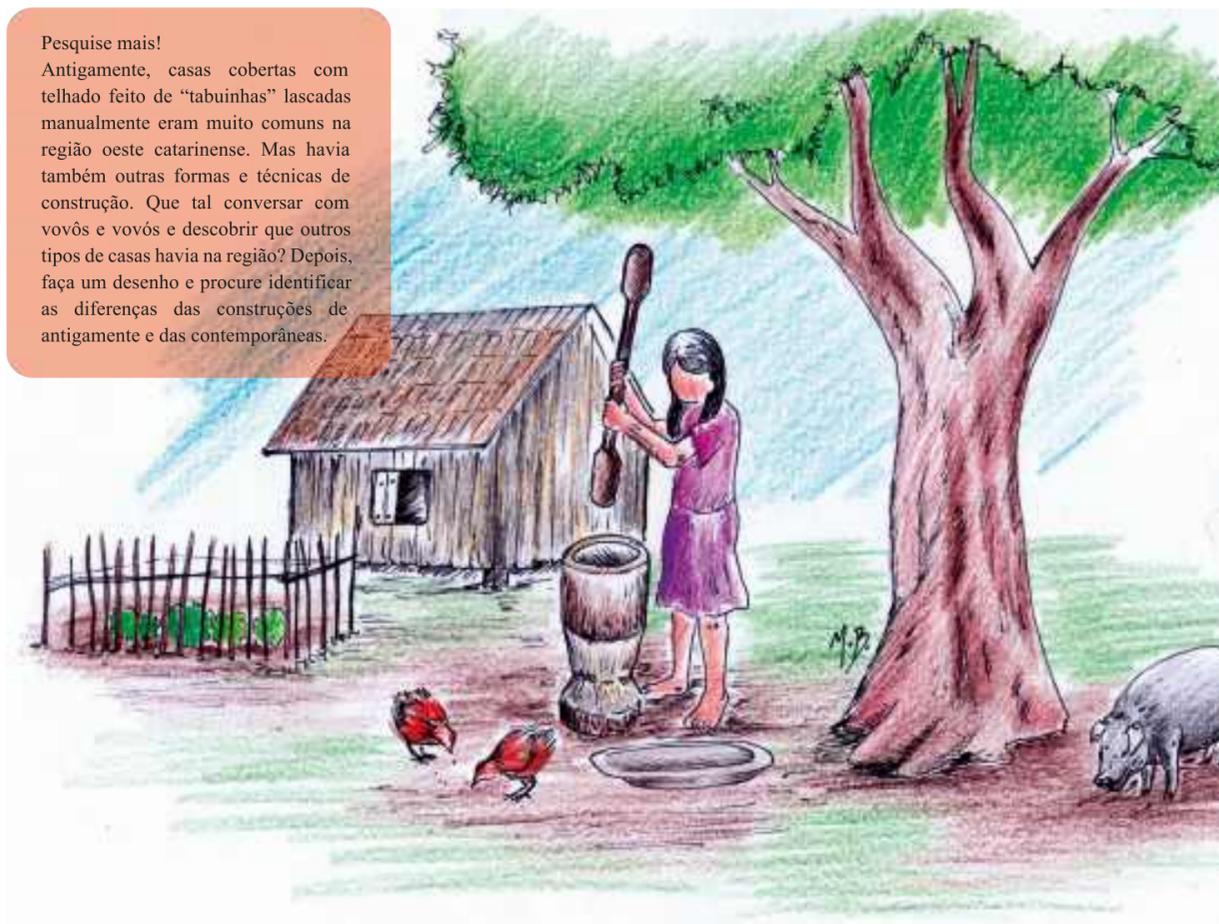
As formas de morar e, até mesmo, os lugares eleitos como preferenciais para fixar residência, sempre foram influenciados por fatores como a proximidade de cursos d’água, facilidade de acesso e vizinhança. A construção das moradias também era algo singular. Caracterizadas basicamente pela utilização de madeira lascada (paredes e telhados) e por chão batido no seu interior, as casas utilizavam madeira do chão ao teto, pois era a matéria prima mais abundante na região.

[as tabuinhas eram feitas a partir do corte de troncos] onde que arrumava uma pranchinha de ferro e colocava na ponta [...] batia com um **maiozinho** de madeira encima [...] descia lá em baixo (Baziliano Nunes Gois)

Maiozinho: espécie de pequeno martelo em madeira.

Você Sabia?
Ainda hoje, no interior do Oeste Catarinense, é comum encontrarmos localidades precedidas da palavra “Linha” antes do nome. Linha Nova, Linha Baronesa da Limeira, Linha Suspiro... A origem da “linha” remonta aos tempos de colonização e dizia respeito à trilha original aberta pela companhia colonizadora a fim de guiar os novos colonos às suas propriedades. Como, naquela época, não existiam máquinas para abrir estradas e cada colono era responsável por abrir o caminho até sua residência, a maioria das famílias optava por morar bem próximo à trilha aberta pela colonizadora. Por isso, ainda hoje, ao andar pelas comunidades rurais, é comum encontrar grande número de casas às margens das vias.

Pesquise mais!
Antigamente, casas cobertas com telhado feito de “tabuinhas” lascadas manualmente eram muito comuns na região oeste catarinense. Mas havia também outras formas e técnicas de construção. Que tal conversar com vovôs e vovós e descobrir que outros tipos de casas havia na região? Depois, faça um desenho e procure identificar as diferenças das construções de antigamente e das contemporâneas.



2.4. De gostos e sotaques: A cozinha como espaço de sociabilidade e herança cultural

Mais que espaço de preparo dos alimentos, a cozinha era o local que centrava o convívio familiar, incrementado com conversas que aconteciam ao pé do fogo. A cozinha guardava o segredo das misturas e receitas de uma culinária que apreciava desde cereais e vegetais, até um vasto cardápio de carnes. Também era o espaço em que se difundiam saberes e técnicas ancestrais de conservação dos alimentos numa época em que eletrodomésticos como refrigerador sequer existiam.

Pelos relatos dos moradores mais antigos de Nova Erechim sabemos, por exemplo, que a conservação de carnes era possível no caso de suínos, que podiam ser cortados em pedaços, fritos e conservados na própria gordura. Já aves deviam ser consumidas rapidamente. A carne suína oferecia ainda outras possibilidades tais como o preparo de embutidos como o salame, muito popular no Oeste Catarinense.



Ao longo da história, podemos perceber que o uso ou não dos alimentos obedeceu a códigos, tendências e signos relacionados à escolha de determinado mantimento. Desse modo, as questões relacionadas à alimentação, não representam apenas uma questão econômica ou de sobrevivência, mas revelam usos e costumes culturais que demonstram as escolhas, os gostos e, em certo sentido, o modo de vida das pessoas.
“A cozinha de uma sociedade é a linguagem na qual ela traduz inconscientemente sua estrutura [...]” (Claude Lévi-Strauss)

Sopa de Pato (Czarnina) **por Regina Knakiewicz**

Ferver água numa panela;
Acrescente a carne de pato;
Sal a gosto;
Retire com uma espumadeira a espuma que subir;
Misture no liquidificador, o sangue do pato com oito colheres de farinha de trigo;

Após o cozimento da carne, acrescente a mistura do liquidificador;
Por fim, acrescente um pouco de vinagre;
Observação: na sopa pode ser acrescentada, também, massa de sua preferência.
Sugere-se como acompanhamento, batatas doces.

Bolinho de batata **por Regina Knakiewicz**

Ralar batatinhas até obter uma massa;
Misturar a massa com um ovo;
Sal a gosto;
Colocar um pouco de farinha de trigo;
Colocar uma colher de leite coalhado;
Mexer bem formando uma massa pastosa;
Aqueça o óleo;
Frite a massa colocando-a com uma colher;
Saborear ainda quente.



Os pesquisadores afirmam que os hábitos e gostos alimentares são parte da herança cultural de cada povo. Por isso, ao investigar as receitas favoritas das famílias de Nova Erechim, é possível perceber as heranças que acompanharam os migrantes desde as terras de origem, no Rio Grande do Sul ou mais além, as influências das pessoas que já viviam no Oeste Catarinense, as adaptações das receitas aos temperos e alimentos disponíveis na região e, é claro, a passagem do tempo que inevitavelmente vai adaptando gostos e formas de preparo e consumo dos alimentos.

Assim, ingredientes como raízes, tubérculos, verduras e leguminosas típicas da região, associavam-se a carnes de caça – hábito muito comum nos primeiros tempos da colonização e que, foi caindo em desuso ao longo do tempo.

Raditi Coti **por Herfa Ferla**

Cozinhar na água o raditi;
Depois de esfriar escorra bem a água, apertando entre as mãos e formando cubos.
Corte e frite-os com temperos de sua preferência;
Dica: pode fritá-los com tempero verde, tomates e queijo ralado.

Sopa de repolho **por Regina Knakiewicz**

Picar repolho e batatinha;
Colocar uma mão de arroz; Fritar uma colher de farinha de trigo no óleo;
Sal a gosto e colocar na sopa;
Como acompanhamento usar nata e batata doce.